

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CETREDE – CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
CURSO DE LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

SEBOS: ESPAÇOS DE INFORMAÇÕES E CONQUISTA AOS LEITORES

MÁRCIA VIDAL DOS SANTOS

FORTALEZA, JUNHO, 2005

MÁRCIA VIDAL DOS SANTOS

SEBOS: ESPAÇOS DE INFORMAÇÕES E CONQUISTA AOS LEITORES

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do grau de Especialista em Leitura e Formação do Leitor, sob a orientação da Prof^a. Fátima Maria Alencar Araripe.

FORTALEZA, JUNHO, 2005

SEBOS: ESPAÇOS DE INFORMAÇÕES E CONQUISTA AOS LEITORES

Monografia apresentada por

Márcia Vidal dos Santos

Aprovada em: 30/06/2005.

Profa. Fátima Araripe
Orientador(a)

RESUMO

Este trabalho trata de sebos, cuja investigação se dá tanto no contexto histórico e geográfico brasileiro como no âmbito etimológico do próprio verbete. Aponta os tipos de sebos na cidade de Fortaleza e aqueles que os freqüentam, apresentando a opinião destes e de seus proprietários, e discorrendo sobre a importância destes espaços à cultura cearense. Enfim, propõe fazer um *tour* pelos sebos contatados, descrevendo-os quantitativamente e qualitativamente sob o ponto de vista de seus proprietários.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 BREVES FACES NA HISTÓRIA	11
3 ESPAÇOS POÉTICOS DO TEMPO	28
4 OS OUTROS E OS SEBOS	41
5 UM <i>TOUR</i> PELOS SEBOS DE FORTALEZA	51
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

*Tenho lido muito na escola
a professora disse que é bom
que a gente aprende mais
e tudo de belo a gente faz*

*A leitura
despertou em nós
muitas poesias criativas*

*isso ficou na minha cabeça
e na minha mente
surgiu uma voz ativa*

*Essa voz dizia:
--- Crie, invente, você é capaz
fui fazendo poesias
até de frente pra trás*

Elenice Moreira

A leitura sempre fez parte da minha vida, fosse em momentos de alegria ou de tristeza, pois possuir um livro era uma das maiores dádivas já conseguidas ao longo desses anos. Não houve um primeiro contato, mas contatos que se iniciaram com as histórias contadas pela minha mãe, as receitas “wiccanas”¹ da minha avó e os bordados de letras da minha madrinha. Em casa, as letras me foram passadas de maneira artística e lúdica para aguçar a imaginação. Elas eram apresentadas pelas iniciais dos nomes de pessoas da família como “G de Geny”, “F de Francisca”, etc.

Mais tarde, na escola, houve a dificuldade porque usávamos uma cartilha verde e de aspecto rude. E a maneira de transmitir a aprendizagem era de forma repressiva e angustiante. O grito, a palmatória e o preconceito eram predominantes. Mas isso não impediu nem dificultou a minha vontade e o meu desejo de ler.

O primeiro presente que eu chamo de inesquecível foi uma pequena sacola com quatro livros de histórias do Lobo Mau, Branca de Neve e outros. Por vários dias, eu me enclausurei no quarto. Deliciava-me com as ilustrações, o cheiro de papel novo e intacto e a história. Lia, relia, não tinha limites para isso. Deixava-me mergulhar num outro mundo

¹ Vem de Wicca, que é uma Religião que pretende celebrar a natureza e que busca sua inspiração nas religiões pré-cristãs de culto à Deusa, nas celebrações dos ciclos anuais das colheitas, ao culto do Deus fertilizador da Terra e várias outras expressões religiosas primitivas com uma forte ligação com a natureza e com os ciclos da vida.

diferente do que eu vivia. Era como escalar montanhas desconhecidas e buscar fôlego para chegar ao ápice.

No colégio, existia uma pequena biblioteca e, aos poucos, fui esquecendo os contos de fadas e me deixando levar por aventuras, ficções e romances. Eu os devorava em poucos dias e sempre estava querendo mais. Às vezes, ia noite adentro, sem me importar que teria de acordar cedo, até começar sentir alguns problemas tais como cansaço, sono e ardência nos olhos. Mais tarde, estas pequenas conseqüências sujeitaram-me a ser vítima de um par de óculos. De qualquer forma, enfrentei esta mudança com maturidade e segurança.

Era costume da época ter como castigo não assistir televisão. O meu foi diferente. Minha mãe passou a esconder meus livros e pediu à Direção do colégio que me proibisse de ir à biblioteca para retirá-los, principalmente em época de provas. Eu fiquei deprimida, mas tive que cumprir esta bendita sentença, ansiando o retorno aos volumes.

Na adolescência, fui passar uma temporada com uns tios no Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, com o Cristo sempre de braços abertos e de tesouros históricos e mnemônicos. Como sempre, na bagagem levava mais livros que roupas. Achava que ficaria isolada, pois, às vésperas, tomei conhecimento que na casa só habitavam adultos ranzinzas.

Assim que cheguei, minha tia Edwirges me apresentou a todos e mostrou os cômodos em que eu poderia circular. Mas havia um que despertava minha atenção. Este se conservava fechado e ninguém entrava, a não ser Yarina, a copeira, três vezes na semana. Por vários dias fiquei rondando o cômodo como um felino em busca de sua caça. Então, resolvi fazer vigília. Vez por outra, ouvia meu tio José sair deste cômodo altas horas da noite ou da manhã, sempre batendo a pesada porta e arrastando as alpercatas São Francisco. Talvez ele fizesse questão de que soubéssemos de sua presença no tal cômodo.

Um belo dia, aproveitei o descuido de Yarina e invadi o cômodo como um imperador romano. A minha reação foi a mais absurda possível. Senti-me nas Minas do Rei Salomão, cercada de prateleiras do teto ao chão. O piso também era calçado por livros e

revestido de um material transparente, parecido com vidro. Sem resistir à tentação, peguei o primeiro que se encontrava à minha frente. Antes, passei diversas vezes as mãos na roupa, pois transpiravam de emoção e nervosismo. O livro ansiava por ser tocado e eu, por tocá-lo. Infelizmente, meu prazer durou pouco e ficou num simples toque, sem nem ao menos usar os outros sentidos.

Meu tio, que tinha o hábito de fazer consultas antes de iniciar o dia, entrou bruscamente, pegando-me desprevenida. Com o semblante fechado e carrancudo, arregalou os olhos com aquela minha ousada invasão e o assédio ao livro que ainda segurava. Na sua concepção, eu estava prestes a cometer um crime. Pronto! “Hoje mesmo volto para Fortaleza, no primeiro avião” – pensei. Mas, não! Ao me ver com uma obra do Johannes Mario Simmel, abriu um sorriso que eu nunca tinha visto. Ainda não confiante, interrogou sobre os meus gostos em relação à leitura. Timidamente, repliquei a todas as interpelações. Então, testando minha capacidade, indicou-me vários livros e falou que conversaríamos, quando retornasse de viagem. Em seguida, autorizou-me a desfrutar do cômodo e de tudo o que ele continha. Eu me senti a própria Alice no País das Maravilhas. Passava horas e horas seguidas, não fossem as interrupções das pessoas da casa me chamando para compartilhar dos hábitos caseiros.

Ao chegar de viagem, meu tio ficou maravilhado com as conversas que tivemos sobre livros. Inclusive, foi um dos pioneiros a me mostrar o mundo dos sebos e as boas descobertas que neles existem. E, devido a isso, a minha ânsia de ler foi aumentando mais e mais.

Foram muitos os anos visitando sebos, absorvendo a memória de outras pessoas e daqueles apaixonados pela leitura. Assim, passei a adotá-los como objetos de cunho literário que tiveram grande importância nos meus momentos de prazer e de desenvolvimento cognitivo, aguçando meu faro de pesquisadora.

Esta pesquisa tem a intenção de mostrar a importância cultural dos sebos através do acervo, das pessoas que os frequentam e dos seus proprietários.

Objetiva ainda a divulgação em estabelecimentos educacionais da importância do sebo de livros como uma forma de ação educativa, assim como trabalhar o lado histórico, a memória e sua importância cultural e educativa. Busca-se aqui despertar nos leitores o senso de conquista na procura por informações; esclarecer outras e novas definições sobre o termo sebo e sugerir o *marketing* como uma visão mercadológica e atrativa à sociedade.

No desenvolvimento deste trabalho, foram exploradas as obras de alguns escritores, tais como Gaston Bachelard, Pierre Bourdieu, Robert Darnton e outros que apareceram no decorrer da pesquisa e que me remeteram ao tema.

Atualmente, obras da escritora Márcia Cristina Delgado e Antonio Carlos Secchin serviram de apoio e auxílio ao desenvolvimento do trabalho, além de reportagens em periódicos e troca de *e-mails* com bibliotecários, e donos de sebos. Outro recurso empregado foi a criação de um questionário para a pesquisa de campo, por meio de entrevistas com pessoas que frequentam ou não os sebos.

Os capítulos iniciais narram uma breve retrospectiva histórica sobre o mercado editorial no Brasil e o advento dos primeiros sebos. Depois, trata-se do significado etimológico e social do verbete “sebo” e de sua inserção no contexto social. Por fim, fazemos uma apresentação dos vários sebos de Fortaleza.

Então, vamos mergulhar numa história de encanto, despertando a sensibilidade e a imaginação.

2 BREVES FACES DA HISTÓRIA

O que há por trás dos livros e alfarrábios em suas prateleiras?

Segundo Pierre Bourdieu, a necessidade de uma história dos objetos que se tornaram corriqueiros em nosso cotidiano, tão comuns e evidentes que não mais despertam a atenção de ninguém.

Ao citar como exemplo “a estrutura de um tribunal, o espaço de um museu, o acidente de trabalho, a cabine de um voto, o quadro de dupla entrada ou, muito simplesmente, o escrito ou o registro”², o autor argumenta sobre a importância de uma história social movida pelo interesse da compreensão de objetos culturais em sua historicidade e constituição, já que cada um desses objetos guarda em si construções culturais determinadas segundo um momento, um tempo, uma história.

Em vista disso, imaginemos uma viagem fictícia de um leitor contemporâneo dentro de um alfarrábio em busca de sua memória ou origem. Os livros estão expostos à venda, ordenados por assunto. Ele, o leitor, chega até eles. Primeiramente os vê, lê suas lombadas. Identifica-os. Decifra-os. Seu olhar passa despercebido por alguns. Noutros ele pára, toca, folheia, lê, compra. Findo o ritual que se realiza na aquisição do livro, nosso leitor sai e prossegue em seu trajeto, numa prática que já se tornou parte de seu cotidiano.

Será que ele imagina que aqueles livros escondem por trás de si um modo de produção que lhes dá sentido e forma?

Será que esse leitor, inscrito num tempo em que o livro é também objeto de produção e de consumo de massa, questiona-se acerca dos caminhos percorridos por aqueles livros organizados nas prateleiras?

O sentido desses questionamentos tem como propósito compreender um dos processos de circulação do livro que carrega uma história, um percurso de construção. O livro, que aparece feito como um produto pronto e acabado dentro de um alfarrábio, traz dentro de si um conteúdo recheado de marcas e sentimentos. Juntamente, cito a figura do editor, do impressor e até mesmo do livreiro como mediadores que contribuem para uma história social da leitura.

Robert Darnton, voltado para uma história dos livros dentro de um projeto interdisciplinar de história social da leitura, realizou pesquisas que buscam entender o papel

² BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989. p. 37.

exercido pelos editores, livreiros e outros intermediários no processo por ele denominado comunicação cultural.

Ao pesquisar os arquivos da Société Typographique de Neuchâtel (STN), uma das mais importantes editoras européias do século XVIII, Darnton descobriu preciosas informações sobre vários aspectos da história dos livros: o tratamento dado aos autores por seus editores, o processamento das cópias, a impressão dos tipos e caracteres, a correspondência de livreiros e editores, o transporte dos livros e a remessa das encomendas. A partir dessas questões, o autor trilhou territórios inexplorados que lhe permitiram reconstruir alguns aspectos do mundo livresco francês do século XVIII.

Em “O Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia”, com o objetivo de descobrir o grau de penetração das idéias do Iluminismo, Darnton reconstituiu o modo como a enciclopédia foi idealizada, confeccionada, vendida e difundida, revelando aspectos econômicos do mundo editorial e da sociologia da cultura da época, narrando a história dos personagens envolvidos nesse processo, desde Diderot e D’Alembert (os organizadores), Panckoucke (um dos editores mais poderosos da França), Malesherbes (encarregado do rei para tratar de todos os assuntos editoriais, inclusive da censura), até os trabalhadores envolvidos no processo de impressão, que perambulavam de tipografia em tipografia à procura de trabalho.

O ramo da impressão era um ramo de andarilhos. Os homens iam aonde pudessem encontrar trabalho, mesmo que precisassem caminhar centenas de quilômetros.³

Em “O Grande Massacre dos Gatos”, Darnton traz à cena o comerciante Jean Ranson e seus comentários sobre suas leituras e a vida familiar em sua correspondência com a STN. Em “O Beijo de Lamourette”, conhecemos o vendedor de livros Rigaut e suas estratégias de mercador para alcançar sempre o máximo de lucro possível nos livros que

³ DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: a história da publicação da enciclopédia (1775 – 1800)*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996. p. 167.

vendia. Seu lema era: “o melhor livro para um livreiro é o que vende bem.”⁴ Mais ainda, através de um pedido feito à Société Typographique de Neuchâtel (STN), por Rigaud, de um lote das “Questions sur l’Encyclopédie”, de Voltaire, o autor elucida o complexo circuito de intermediários pelos quais os livros proibidos circulavam até chegar às mãos dos livreiros, e, conseqüentemente, dos leitores.

Para que as páginas impressas seguissem das oficinas da STN em Neuchâtel para a loja de Rigaud em Montpellier, elas tinham que serpentear por um dos estágios mais complexos do circuito do livro. Podiam seguir duas rotas principais. Uma ia de Neuchâtel para Genebra, Turim, Nice (que ainda não era francesa) e Marselha. Ela possuía a vantagem de contornar o território francês – e, portanto, o perigo do confisco -, mas envolvia enormes desvios e despesas. Os livros tinham de ser arrastados pelos Alpes e passar por uma legião de intermediários – agentes de expedição, bateleiros, carroceiros, encarregados de entrepostos, capitães de navios e portuários -, antes de chegarem ao depósito de Rigaud. Os melhores expedidores suíços anunciavam que podiam entregar uma encomenda em Nice num prazo de trinta dias, a 13 libras francesas e 8 vinténs por 100 quilos de peso, mas seus cálculos se mostraram irrealistas. A rota direta de Neuchâtel a Lyon e Ródano abaixo era rápida, fácil e barata – mas perigosa. As caixas tinham de receber uma chancela no momento de sua entrada na França, eram inspecionadas pela corporação dos livreiros e pelo inspetor de livros em Lyon, sendo a seguir reexpedidas e novamente inspecionadas em Montpellier.⁵

No Brasil, estudos similares à pesquisa de Darnton têm como proposta a pesquisa dos processos de produção, circulação e difusão dos livros que eram até bem pouco tempo inexistentes.

Segundo informa a Associação de Leitura do Brasil (ALB):

A história do livro no Brasil estava, até há pouco tempo, por se escrever. Eram inúmeros os silêncios e as lacunas da historiografia quanto aos livros, às bibliotecas e às práticas de leituras, particularmente no Período Colonial. Os

⁴ DARNTON, Robert. O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 115.

⁵ Id. Ibidem., p. 119.

estudos, quando se preocupavam com as bibliotecas no Brasil como um todo, pecavam ou por não se embasarem numa análise quantitativa mais sólida, ou por não avançarem sobre o campo das práticas de leitura e das formas de apropriação das idéias contidas nos livros.

Mais recentemente, este panorama veio a alterar-se. Realizaram-se investigações baseadas, em maior ou menor escala, no uso da quantificação e em que se esboçaram uma interpretação sobre a leitura e a recepção dos livros no país. Alguns estudos concentraram-se na abordagem de bibliotecas de indivíduos, de grupos, de instituições; outros detiveram-se sobre a circulação de livros em circunscrições geográficas delimitadas; outros ainda buscaram identificar práticas de leitura com base na análise dos próprios textos em circulação, ampliando, nesses casos, os limites geográficos e temporais. Há autores que procuraram correlacionar movimentos políticos, ideologias, livros e práticas de leitura, enquanto outros examinaram a relação entre a produção literária e o mercado editorial, ou entre políticas educacionais e circulação de livros. Como se vê, as investigações debruçam-se sobre cruzamentos variados entre leitura, livros, movimentos culturais, políticos em diferentes espaços e períodos históricos.⁶

Baseado nisso, prova-se que o país foi um dos que levou mais tempo para desenvolver uma indústria editorial nacional. Em contrapartida, é um dos países em desenvolvimento que construiu, nas últimas décadas, uma indústria editorial de qualidade e porte significativo. E os primeiros registros históricos de nascimento, consolidação, estratégias de impressão, distribuição, circulação e edição desse mercado nacional de livros, ainda que escassos, datam do Primeiro Colonial brasileiro.

A presença de livros no Brasil remonta ao século XVI. Escassos e predominantemente de teor religioso, os livros foram trazidos pelos jesuítas para abastecer os colégios que aqui fundaram nas diversas partes da colônia, instalando, no decorrer do tempo, bibliotecas em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. No século XVII, essas bibliotecas cresceram a ponto de se ter, num colégio do Maranhão, uma sala instalada com capacidade para até cinco mil volumes. Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, boa parte do acervo bibliográfico existente nessas bibliotecas se perdeu.

⁶ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Em dia: leitura & crítica*. São Paulo, 1994. p. 7.

As bibliotecas sofreram um golpe terrível com a expulsão da Companhia de Jesus. Todos os bens foram confiscados, inclusive as bibliotecas. Livros retirados dos colégios ficariam amontoados em lugares impróprios, durante anos, enquanto se procedia ao inventário dos bens dos inacianos. Se uma ou outra obra foi incorporada aos bispados, algumas remetidas para Lisboa, a quase totalidade foi dilapidada, roubada ou vendida como papel velho a boticários para embrulhar unguentos. O clima úmido e os insetos deram cabo do restante.⁷

Acervos bibliográficos de grande importância também existiram nos conventos beneditinos e franciscanos espalhados pela colônia, em sua maioria dedicados à instrução do “povo” e à formação dos sacerdotes. Poucas são as informações sobre os livros existentes nas mãos de particulares nos séculos XVI e XVII. Havia também várias bibliotecas pessoais do século XVIII, dentre elas as bibliotecas mineiras, em particular a dos Inconfidentes de Vila Rica.

O exame dos inventários e dos autos da devassa da Inconfidência acusa uma presença significativa de livros em Diamantina, Mariana, Vila Rica e São João Del Rei, os principais centros urbanos de Minas Gerais no século XVIII. A distribuição da posse dos livros diferenciava-se conforme a categoria profissional dos inventariados e inconfidentes, concentrando-se nos proprietários, funcionários públicos e letrados. O tamanho das bibliotecas mineiras era diverso, não sendo determinado pela riqueza, mas pelo grau de refinamento intelectual e de escolaridade dos seus proprietários. Padres, advogados e cirurgiões possuíam, via de regra, as maiores bibliotecas. Havia, ainda, uma relação estreita entre, de um lado, a composição das livrarias e, de outro, a condição social e os ofícios, na maioria das vezes, possuíam livros relacionados às suas carreiras. Entre os padres, por exemplo, a maioria possuía obras de devoção e liturgia, teologia e cânones; a grande exceção é o cônego inconfidente de Mariana, Luís Vieira da Silva, cuja biblioteca era composta por 52,7% de livros profanos contra 35% de títulos de ciências sacras.⁸

⁷ MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. São Paulo: Secretaria da Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1988. p. 6.

⁸ VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 362-363.

As bibliotecas dos clérigos inconfidentes diferenciavam-se das de outros padres por conterem em seus acervos maior número de obras profanas e livros proibidos revelados pelos Autos da Devassa da Inconfidência. O acervo de quase oitocentos volumes do Cônego Luís Vieira da Silva continha obras que iam desde autores clássicos da cultura ocidental até filósofos considerados “incendiários” como Diderot, Hume, Montesquieu e outros.

Na passagem do século XVIII para o XIX, aloja-se na Bahia a melhor e maior biblioteca particular existente no Brasil, de propriedade do padre Francisco Agostinho Gomes. Entre os milhares de livros de seu acervo, havia obras de Buffon, Paine e Lavoisier, além da Enciclopédia, de Diderot e D’Alembert.

A circulação legal de livros era responsável apenas por parte do comércio livreiro. Desde o século XVI, entravam na colônia, pelas vias do contrabando, obras censuradas pela metrópole e cujo conteúdo questionavam a fé, a lei e a autoridade real.

Com a instalação da inquisição em Portugal, em 1536, a publicação de qualquer impresso na metrópole dependia das licenças concedidas pelos três serviços responsáveis pelo exercício da censura no reino português: o Santo Ofício e o Ordinário, que representavam a Igreja; e o Desembargo do Paço, representante do poder civil. O sistema das três licenças vigorou até 1768, quando o Marquês de Pombal unificou a censura no Reino, criando um órgão estatal para exercê-la: a Real Mesa Censória. Todas as pessoas e entidades que possuíssem livros eram obrigadas a enviar à Mesa Censória uma lista ou catálogo dos livros possuídos. Foi criada uma lista de livros proibidos e uma rígida fiscalização para os livros importados foi estabelecida. Moraes informa sobre as categorias de livros que foram proibidos no reino:

- 1) os livros de autores ateus,
- 2) os de autores protestantes que combatessem o poder espiritual do Papa e dos bispos ou atacassem os artigos da fé católica,
- 3) os que negassem a obediência ao Papa,
- 4) os livros de feitiçaria, quiromancia, magia e astrologia,

- 5) os que, apoiados num falso fervor religioso, levassem à superstição ou ao fanatismo,
- 6) os livros obscenos,
- 7) os infamatórios,
- 8) os que contivessem “sugestões de que se siga perturbação do estado político e civil e desprezando os justos e prudentes dictames dos direitos divinos, natural e das gentes, ou permitem ao Soberano tudo contra o bem comum do vassalo, ou vão na outra extremidade fomentar a abominável seita dos sacrílegos monarcomacos [...] que tudo concedem ao Povo contra as Sagradas e invioláveis pessoas dos Príncipes,”
- 9) os livros que utilizam os textos das Sagradas Escrituras em sentido diferente do usado pela igreja,
- 10) dos autores que misturassem artigos de fé com os de mera disciplina,
- 11) os que impugnassem os Direitos, Leis, Costumes, Privilégios, etc. da Coroa e dos Vassalos,
- 12) as obras “dos pervertidos filósofos destes últimos tempos”...,
- 13) os livros publicados na Holanda e na Suíça atribuídos a advogados do Parlamento da França e que tratam da separação entre o “Sacerdócio e o Império”,
- 14) todas as obras de autores jesuítas baseadas na “autoridade extrínseca da razão particular”,
- 15) os livros “compostos para o Ensino das Escolas Menores que forem contrários ao sistema estabelecido por lei anterior”.⁹

Havia duas exceções: os livros heréticos que podiam ficar nas universidades e comunidades religiosas com o propósito de conhecê-los para combatê-los, e livros cuja leitura era permitida segundo concessão de licença.

Sendo privilégio, as licenças modulavam-se de acordo com o *status* dos beneficiados, menos o primeiro dos que os últimos: na concessão da licença, a Coroa levava em conta mais a categoria profissional dos requerentes do que sua inserção nos estamentos. Assim, teólogos foram autorizados a ler e possuir obras proibidas de teologia, mas não os advogados, aos quais eram permitidas exclusivamente a posse e a leitura de livros jurídicos defesos. A muitos beneficiados, vedava-se o contato com escritos ‘libertinos’ dos ‘filósofos ilustrados’, e determinava-se a todos o armazenamento dos livros em ‘estante

⁹ MORAES, Rubens Borba de. Op. cit., p. 53-54.

fechada com chave, e rede de arame' de sorte a não serem vistos nem lidos por pessoas não autorizadas. Posse e leitura de livros proibidos, portanto, eram um privilégio a ser fruído na privacidade, não podendo ser ostentado publicamente.¹⁰

Nos fins do século XVIII, os livros, salvo aqueles consentidos pelas licenças da censura, entravam na Colônia por vias clandestinas e perigosas. Pessoas que iam para fora da colônia os traziam na volta dentro da bagagem e, à mercê da fiscalização, livros proibidos passavam de mão em mão na alfândega. No cais do Rio de Janeiro, papéis, gazetas e livros eram vendidos por marinheiros ingleses. Em Portugal, muitas das obras proibidas eram postas em circulação pelos livreiros, demonstrativo de que a censura, a apreensão e o confisco não conseguiram impedir em toda parte, e durante todo o tempo, a circulação de livros.

Na colônia, há registros de pessoas que importavam livros de Portugal em meados do século XVIII. Em Vila Rica, neste século, existia um comerciante que comprava livros para revender. Com este tipo de comércio, passaram a existir as casas de comércio, onde se vendiam livros no meio de mercadorias.

Em 1808, com a chegada da corte portuguesa no Brasil, decorrente da invasão francesa em Portugal, o Rio de Janeiro cresce em população e área ocupada, expansão que afeta todos os setores da vida urbana, inclusive o cultural. É criada a Imprensa Régia, antes não admitida pela metrópole por ser considerada atividade subversiva e que, aliada à abolição da censura prévia, em 1821, representou um crescimento significativo no número de tipografias existentes no Brasil.

Significativas mudanças acontecem no mundo do comércio de livros no Rio de Janeiro e, paulatinamente, o que se registra é um aumento contínuo do número de estabelecimentos que vendem livros e outros impressos (jornais, revistas, estampas, músicas, etc).

¹⁰ VILLALTA, Luiz Carlos. Op. cit., p. 371.

Ipanema registra no ano de 1808, além da Imprensa Régia, a cifra de duas livrarias: a de Manuel Jorge da Silva, o primeiro livreiro anunciado em letra de forma no Brasil, na Rua do Rosário, e a de Paulo Martim Filho, na Rua da Quitanda, 34. Tal loja continha livros de todos os gêneros e as últimas novidades em livros publicados em Portugal. Em 1822, Paulo Martim Filho manda imprimir catálogo no qual registra todas as obras que recebera no último navio, o que permite ter uma idéia das obras que circulavam no Rio de Janeiro nas vésperas da independência.

Em 1809, mais três estabelecimentos são abertos na cidade: o de Francisco Luís Saturnino da Veiga, na Rua do Ouvidor, 14, depois Alfândega, 17; Manuel Mandillo, defronte da Capela dos Terceiros de N. S. do Carmo, e João Roberto Bourgeois, Rua da Quitanda, 33. Gradativamente, o que se verifica é um crescimento do número de estabelecimentos no decorrer dos anos. Em 1821, já havia 16 livrarias na cidade, 15 em 1850 e 47 em 1900. Desse último número, 5 eram sebos, cujos livros eram importados e usados.

No Rio de Janeiro dessa época, leiloeiros tornam-se comuns no comércio de livros e a oferta de lotes de livros torna-se freqüente. Muitos livreiros utilizavam estratégias de venda anunciando em jornais. Além de distribuírem listas de livros, também as afixavam em suas livrarias. Utilizavam um método até então comum para os livreiros europeus, principalmente entre os portugueses: o de mandar imprimir na última página de uma obra por eles publicada uma breve lista de livros que tinham em estoque. Nessa época, são comuns os anúncios de pessoas que desejam se desfazer de seus livros, indícios da presença de um comércio particular de livros sem a participação do livreiro mediador.

A comercialização de livros ligada a de outros artigos é comum no século XIX. Paulo Brito, editor e tipógrafo, vendia por volta de 1840 em sua livraria, ponto de reunião de políticos e escritores, chá e livros. Por esse tempo, acontecia o mesmo na loja de Baptiste Louis Garnier que, além de livros, vendia em sua loja, na Rua do Ouvidor, desde artigos de papelaria, guarda-chuvas, chapéus de sol, bengalas, charutos, até pílulas e unguentos.

Verifica-se, assim, no comércio de livros do século XIX, um predomínio do Rio de Janeiro, devido principalmente a seu *status* de centro cultural do país. A corte, como era conhecido o Rio da época imperial, atraía a intelectualidade literária de todo o país. Os produtos das editoras que ali se alojaram gozavam de prestígio local e nacional, e os franceses que dominavam o comércio de livros da época instalaram-se na capital imperial com sucesso. Dentre eles, os irmãos Laemmert que, juntamente com o já citado, Baptiste Louis Garnier, praticamente monopolizaram a edição e o comércio de livros no Brasil do século XIX, já que, fora do Rio, ninguém imprimia um livro, a não ser sob encomenda do autor.

Na São Paulo do final do século XIX, se registra a cifra de oito livrarias, a metade do número existente no Rio de Janeiro de 1820. Em 1860, a Livraria Garnier abre filial em São Paulo e Anatole Louis Garraux inaugura um estabelecimento considerado por muitos compradores da época como uma das melhores livrarias do país: a Casa Garraux. Situada na Rua da Imperatriz, número 36/38, dispunha de sortimentos que iam desde livros, artigos de papelaria, serviços de tipografia (encardenação, douração, pautação, livros em branco), carimbos de borracha, monogramas em alto relevo, assinaturas de revistas e jornais estrangeiros, até vinhos, conhaque, champanha, licores, bombons, marrons-glacês, perfumes, germicidas, instrumentos de engenharia, artigos para desenho, fazendas, artigos para bilhares, artigos para montaria e charutos.

Em 1876, é aberta em São Paulo a Grande Livraria Paulista, primeiro nome da Livraria Teixeira, existente até hoje e considerada a mais antiga livraria de São Paulo em atividade. Fundada pelos irmãos Antônio Maria e José Joaquim, no início de suas atividades não passavam de uma porta encravada. Em 1896, recebe os serviços de José Vieira Pontes, que ficou conhecido como o Pontes da Livraria e que logo fez da Livraria Teixeira ponto de encontro de literatos e intelectuais da época. A Teixeira, que editou livros até 1960, também ficou conhecida como a livraria que iniciou o ritual das tardes de autógrafa.

Mas é no século seguinte que o mercado brasileiro de livros, mesmo com a impressão de livros no exterior, uma indústria de papel deficitária e a inexistência de equipamentos gráficos adequados, fortalecerá seus passos com o pioneirismo de alguns livreiros / editores que se lançam no mercado, firmando-se em outras praças além do Rio de Janeiro.

Francisco Alves d'Oliveira abre em 1883 sua loja matriz no Rio de Janeiro e filiais em São Paulo (1893) e Belo Horizonte (1906). Desde então, adquire muitos direitos de edição e editoras até comprar a Laemmert em 1909. Em 1914, compra sua primeira oficina gráfica, adaptando-a para a produção de livros. Como editor, especializa-se na produção de livros didáticos, explorando o potencial do mercado para livros escolares até então pouco explorado no país.

A produção editorial, que estava centralizada no Rio de Janeiro, desloca-se para São Paulo, onde, na década de 20, um outro editor começa a organizar-se para se tornar um dos mais importantes do país: José Bento de Monteiro Lobato. A trajetória de Lobato editor, empresário e escritor, já foi devidamente abordada, mas não há como deixar de citar o que representaram as edições de *Urupês*, livro de contos editado por Monteiro Lobato em 1918, com uma tiragem de mil exemplares, cifra incomum para a época, e que chegou a nove edições em 1923, com trinta mil exemplares.

Monteiro Lobato não revolucionou o mercado apenas porque lançou autores e pagou os direitos autorais dignos, numa época em que isso praticamente inexistia, mas, principalmente, porque inovou nas estratégias utilizadas para divulgar e distribuir seus livros. Começa comprando os direitos de propriedade da *Revista do Brasil*, publicação de prestígio entre literatos da época, e que serviria de meio de divulgação para a sua editora. Utiliza comentários e críticas favoráveis da imprensa como recurso propagandístico para a venda de livros e investe numa malha de distribuição. Monta sua própria gráfica, seus livros passam a ter um tratamento especial no que se refere à aparência interna, capas e ilustração. Em princípios de 1920, já em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, chega a vender quatro mil livros por mês.

Dificuldades de mercado numa época de crise fizeram com que Lobato liquidasse sua editora em 1925 para, meses depois, constituir com o mesmo sócio a Companhia Editora Nacional, a primeira editora brasileira com uma linha editorial diversificada e voltada para o público nacional. Depois de Lobato, surgiriam grandes editoras que trilhariam o caminho por ele explorado. Dentre elas, a Livraria e Editora Globo, Livraria Martins Editora, Civilização Brasileira, Brasiliense e Livraria José Olympio Editora.

Em “O Livro no Brasil: sua história”, Laurence Hallewell comenta que a escolha profissional de José Olympio foi completamente fortuita. De um balcão de farmácia, aos onze anos de idade, foi para a Casa Garroux por intermédio de um padrinho. Promovido a ajudante de balcão, José Olympio começa a adquirir conhecimento do ofício e estabelecer relações amistosas com clientes. No final da década de vinte, passa a se interessar por livros raros e antigos e, em breve, torna-se um conhecedor dos assuntos relacionados à bibliofilia. Em 1935, com empréstimo de amigos, adquire, da família de Alfredo Pujol, falecido anos antes, o acervo de dez mil livros. Pouco tempo depois, adquire outra biblioteca particular de um cliente da Garraux, Estêvão de Almeida, colecionador de livros raros. Com esses dois acervos como estoque, estabeleceu-se por conta própria na Rua da Quitanda, número 19A, em 1931. Transfere-se para o Rio de Janeiro em 1934, onde inicia uma carreira que o tornaria um dos mais importantes e bem-sucedidos editores brasileiros até então. Sua livraria, alojada na Rua do Ouvidor, número 110, passa a ser conhecida como a casa e logo se torna ponto de referência para a intelectualidade da época, local de encontro de escritores, médicos, professores, historiadores e jornalistas.

Nos anos 30, outra praça que se destaca como pólo editorial emergente no país é Porto Alegre, com a Livraria do Globo, que inicia suas atividades como uma pequena livraria e papelaria. Fundada por Laudelino Pinheiro Bercellos, a livraria torna-se, em 1919, propriedade de José Bertaso, funcionário admitido para pequenos serviços em 1890 que, até se tornar proprietário, exerce funções de servente, caixeiro, chefe da loja, administrador das oficinas e sócio.

Quando falece, 1948, Bertaso deixa um patrimônio que inclui uma importante livraria, filiais em várias cidades do Rio Grande do Sul, escritórios no Rio de Janeiro e São Paulo e representantes em quase todas as capitais brasileiras. Desse complexo empresarial, destaca-se a Editora Globo que, em pouco tempo, constituirá um amplo e diversificado catálogo de quase dois mil títulos, em que o apuro pela tradução das obras literárias tornar-se-á prioridade.

Foi a trilha aberta por esses pioneiros, citados brevemente, sejam os livreiros franceses Garnier e Laemmert que apontaram no Brasil, tornando-se editores de autores nacionais; Francisco Alves, que na virada do século, firmou-se como a casa editora mais conhecida e bem-situada no mercado; Monteiro Lobato, que, na São Paulo dos anos vinte, revolucionou com métodos ousados o mundo das edições no Brasil, apropriando-se das condições favoráveis de industrialização para montar uma empresa; José Olympio, que fez de sua loja mais do que um estabelecimento comercial, uma casa de livros e leitores ou os alfarrabistas ilustres e anônimos de muitas províncias e cidades espalhadas pelo país, que proporcionou a outros livreiros, nos anos seguintes, a possibilidade de prosseguirem na constituição e consolidação de um mercado nacional de livros no qual cada um se afirmou reforçando uma especificidade própria.

Exemplos não faltam. É o caso de Jorge Zahar, que abre na década de 40, na região central do Rio de Janeiro, a Livraria Ler, ponto de partida para a criação de uma das mais importantes editoras do país, a Editora Zahar, hoje Jorge Zahar Editor. Fundada em 1956, a Zahar notabilizou-se por trabalhar num campo até então pouco explorado pelo mercado editorial: a edição de ensaios universitários na área de ciências humanas.

A década de 40 foi também o início das atividades da Livraria Siciliano. Fundada por Pedro Siciliano em 1942, a Siciliano foi pioneira na venda de *pocket books*. Hoje dispõe de cerca de setenta lojas espalhadas pelo país e, desde 1984, cumpre funções de editora.

No mesmo período, iniciou-se no mercado Alfredo Machado, fundador da Editora Record, que começou suas atividades em 1941 vendendo tiras de quadrinhos aos jornais. Passou a fazer e vender livros quase vinte anos depois. Acabou se desfazendo das livrarias, ficando apenas com a editora. Dirigida pelos herdeiros do fundador desde 1991, a Record caracteriza-se pela edição de uma extensa lista de *best-sellers*, de grande sucesso de venda no Brasil. Sobre a sua chegada no Brasil, Chiaretti comentou:

A Cameron muda a concepção tradicional de fazer livros, que são impressos, desde Gutenberg, folha por folha. As folhas compõem um caderno do livro. A Cameron imprime todos os cadernos ao mesmo tempo. Atualmente, uma gráfica com uma só impressora, em um livro de cinco cadernos (mais ou menos 80 páginas), tem que imprimir 5 mil exemplares do primeiro caderno, 5 mil do segundo e assim sucessivamente, até o quinto; só então o primeiro exemplar do livro pode ser montado.

A Cameron pode imprimir livretos de poucas páginas [...] ou volumes com mais de mil páginas em qualquer tamanho e papel. A cinta carrega as páginas – matrizes, que são entintadas antes de encontrar o papel que sai da bobina. O papel é secado, cortado em tiras, dobrado, organizado em cadernos. Estes são, sempre no mesmo processo, colados e recebem a capa. Finalmente o livro é refilado. Sai da máquina pronto para ser empacotado e colocado no caminhão.¹¹

Em 1989, instalou em seu parque gráfico a máquina norte-americana Cameron, um sistema operacional até então inédito no Brasil, capaz de produzir uma tiragem bem maior do que a maioria dos livros brasileiros até então: cem livros por minuto, seis mil por hora, quase cinquenta mil em um turno de oito horas.

Em 1996, a Record adquiriu o controle acionário das editoras Bertrand Brasil, Difel e Civilização Brasileira, consolidando uma posição no mercado editorial com um catálogo de mais de quatro mil títulos.

Fundada por Ribeiro Couto e Gustavo Barroso em 1937, a Civilização Brasileira tornou-se, nas décadas seguintes, com a administração de Ênio Silveira, uma das

¹¹ CHIARETTI, Marco. Os Tempos modernos chegam ao mercado editorial brasileiro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. H-1, abril. 1989,. Caderno Letras.

mais importantes editoras nacionais. Segundo Laurence Hallewell, a contribuição de Ênio Silveira no que se refere a métodos administrativos, publicidade, produção gráfica e política editorial foi, no conjunto, quase tão importante em sua época quanto haviam sido as inovações de Monteiro Lobato.

A Civilização Brasileira adquiriu respeitabilidade no mercado, a mesma da Nova Fronteira que, fundada por Carlos Lacerda na década de 60, preocupou-se em formar um catálogo sólido que incluísse grandes clássicos de literatura estrangeira, grande parte deles ainda sem tradução no Brasil naquela época, além de uma política editorial estruturada em outros três grandes eixos: literatura brasileira, best-sellers e dicionários. Projetos que obtiveram continuidade com os herdeiros nas décadas seguintes.

Laurence Hallewell situa a história do livro no Brasil e alguns de seus personagens até meados da década de 80. Até esse período, faz referência a um grande número de livreiros e editoras que, por questões de recorte, não foram privilegiados neste trabalho, mas que são de suma importância para a história do livro no Brasil.

Fernando Paixão, em “Momentos do livro no Brasil”, publicado em 1996, faz referência a livreiros e editores até então iniciantes no mercado, quando Laurence Hallewell terminou sua pesquisa, e que, no decorrer da década de 90, estabeleceram-se com sucesso no país.

Trabalhos como estes e outros autores que abordam aspectos da história do livro no Brasil referentes à tipografia, editoração, imprensa, história de livrarias e livreiros são ainda emergentes no país. Mais ainda quando o foco de interesse gira em torno das etapas da circulação dos livros no espaço das livrarias, particularmente naquelas conhecidas como sebos, cuja existência no Brasil data de menos de dois séculos.

3 ESPAÇOS POÉTICOS DO TEMPO

Em homenagem aos sebos, Carlos Drummond de Andrade escreveu o Soneto da Buquinagem¹², cujo termo BUQUINAGEM é um galicismo criado pelo poeta aos

¹² Buquinemos, amiga, neste sebo.
a vela, ao se apagar, é sebo apenas,
e quero a meia luz. Amo as serenas
antras do mar dos livros, onde bebo.

- Álcool mais absoluto – alheias penas
consoladas na estrofe, e calmo, e gebo,
tiro da baixa estante sete avenas
em sete obras que pago e que recebo

Amiga, buquinemos, pois é morta
Inês de antigos sonhos, e conforta
no tempo de papel tramar de novo.

Nosso papel, velino, e nosso povo
é Lucrécio e Villon, velhos autores,
aos novos poetas muito superiores.

mercadores de livros. Esta expressão está associada a ‘bouquin’, que quer dizer alfarrábio; ‘bouquiner’ significa comprar ou consultar alfarrábios; e ‘bouquiniste’ é o nome dado aos livreiros parisienses que compram ou vendem alfarrábios. No Dicionário Aurélio, encontramos a palavra buquinar, ato de procurar livros em sebos, e que se origina de ‘bouquiner’. No Brasil, a livraria onde se vende livros usados é conhecida como sebo e, de acordo com o mesmo dicionário, equivale-se a caga-sebo. Bastos, em seu *Diccionario etymológico, prosódico e orthográfico da Língua Portuguesa*, define sebo como casa de alfabarrista, e Lello & Lello define caga-sebo e sebo, respectivamente, como alfabarrista, revendedor de livros e casa de alfabarrista.

Por outro lado, a palavra alfarrábio provém do antropônimo árabe Al-Farabi, um filósofo muçulmano, nascido no Turquestão, que viveu em Bagdá e que, por seus conhecimentos e reputação de grande leitor de documentos antigos ou velhos, de pouco préstimo ou valiosos, raros ou comuns.

Alfarrabistas são, portanto, os comerciantes desses livros, cujas lojas, no Brasil, são conhecidas como sebos, termo que popularmente parece estar relacionado à aparência já manuseada e, por isso, ensebada das obras ali vendidas. Há quem diga que o nome sebo vem do tempo em que não havia energia elétrica e as pessoas liam à luz de velas amarelentas, feitas de sebo, sujando e engordurando os livros. Daí veio o termo ensebado, sebento. Já para alguns livreiros paulistas, sebo é apelido que foi dado pelos cariocas no século passado.

Para José Jorge Leite Brito, autor do Guia de Sebos do Brasil, publicação que se propõe a ser um roteiro dos sebos existentes no país, sebo tornou-se, apesar de algumas objeções, a forma vulgarizada para designar livraria onde se vendem livros usados e raros. O local pode ser também uma banca de jornal ou, simplesmente, um calçadão.

A complexidade que envolve o mundo dos sebos é grande. Nele encontramos desde livreiros proprietários que trabalham em seu próprio estabelecimento, livreiros que trabalham sem livrarias vendendo livros usados nas ruas e praças públicas, até

livreiros que trabalham para outros livreiros, servindo de intermediários entre esses e as pessoas que se dispõem a vender livros avulsos ou bibliotecas pessoais.

No guia de José Jorge Leite Brito, estão relacionados como sebos desde antiquários até vendedores ambulantes de livros nas calçadas. Para José Jorge Leite Brito, inexistente na língua portuguesa uma palavra que seja capaz de definir com propriedade o que seja uma livraria de livros usados e / ou raros.

Mas o uso do termo sebo não é consenso dentro do mercado livreiro. A diferenciação entre o livro usado e o exemplar raro é um dos fatores que contribui para o uso ou não do termo pelos livreiros.

Segundo Adalberto Paranhos, o livro usado é aquele que geralmente tem uma edição não esgotada no mercado, não tão antiga e sua compra é efetuada por quem procura livros em circulação no mercado a preços mais acessíveis. Já os livros raros são considerados por outra perspectiva. São edições esgotadas, às vezes, com mais de séculos de idade e outras características reconhecidas por colecionadores.

A origem da expressão é fator de descontentamento para muitos livreiros. Etimologicamente, sebo vem do latim *sebu*, que é a secreção gordurosa das glândulas sebáceas, se não a substância gorda, extraída das vísceras abdominais dos animais ruminantes e com o qual se fabricam velas. No *Novo dicionário de termos e expressões populares*, sebosidade é sujeira, porcaria. Seboso é aquele sem higiene, porcalhão. Assim, dado ao que a etimologia associa, muitos livreiros que não gostam de serem chamados de sebistas.

Se o termo sebo é motivo de depreciação para alguns livreiros, para outros é motivo de orgulho, como para o livreiro Seu Geraldo Duarte, proprietário do sebo O Naza, localizado na Rua Gal. Sampaio, em Fortaleza – CE. Ele reconhece que o nome traz consigo uma carga pejorativa dada por aqueles que desconhecem o que é um sebo.

O imaginário do sebo como um lugar sujo, feio, desorganizado e confuso não é recente. Moraes assim se refere aos sebos das primeiras décadas deste século.

A variedade é grande e no mercado encontramos tipos diferenciados de sebos. Existem desde sebos alojados em um espaço minúsculo, pouco ventilados, com baixa renovação de estoque até sebos mais sofisticados, com música ambiente, ar refrigerado, espaço reservado a clientes e computadores com o propósito de melhor atender aos pedidos de usuários, como mostra uma incursão pelos comentários de Antônio Carlos Secchin, no *Guia comentado dos sebos da cidade do Rio de Janeiro*.

Com a proposta de ser uma atualização do *Guia comentado dos sebos do Rio de Janeiro*, de Wellington de Almeida Santos, edição de 1991, Antônio Carlos Secchin comenta sobre a qualidade de 35 sebos existentes na cidade do Rio de Janeiro, utilizando, para tanto, critérios como atendimento, instalações, relação preço / qualidade e acervo. Para ser considerado um sebo de qualidade, é necessário um certo equilíbrio entre esses critérios, o que nem sempre é alcançado pela maioria dos estabelecimentos.

A importância dos sebos está no fato de serem espaços que, além de possibilitarem um preço mais acessível para o livro, permitem que se encontrem ali edições esgotadas, já fora de circulação do mercado, bem como livros raros e coleções valiosas. Os sebos permitem, ainda, outras formas de negociação que as livrarias de livros novos não utilizam, como troca e compra de livros.

Segundo José Jorge Leite Brito, as livrarias que vendem livros usados deveriam ser tratadas com mais carinho no nome. Sebo é cultura. O sebo é o lugar onde a cultura circula. E as formas de circulação dessa cultura presentificam-se não apenas na circulação impressa das idéias, mas na teia de relações humanas que envolvem a vida cotidiana dos sebos.

Espaços cotidianos de sociabilidade, os sebos comportam uma pluralidade de apropriações, tradições e valores históricos sedimentados nas diferentes experiências de

leitura de cada um. Cada sebo guarda sua própria história que, mesmo silenciosa, é passível de ser narrada e, numa rede de tessituras, pode-se contar a história desses espaços dentro do território urbano que os circunscreve. Os lugares de memória em um sebo são muitos e de diferentes ordens: topográfica, simbólica, temporal, nostálgica, arqueológica e, principalmente, humana. Debruçar-se sobre esse mundo visível e invisível que seus personagens quotidianamente constroem é caminhar por um território marcado por cultura e história, feito de pluralidade e de uma variedade de vivências.

O capítulo anterior sinalizou a existência de um mercado de livros no Brasil que tomou fôlego com a criação da Imprensa Régia e que, mesmo restrito aos domínios da corte, desenvolveu atividades de edição e importação. Apontou também o pioneirismo de livreiros como Paula Brito e a ousadia de emigrados franceses e portugueses que aqui se instalaram, fundando grandes casas editoras, as quais modernizaram a tipografia brasileira da época. É ao lado desses livreiros e editores que aparece o comércio de livros usados, o qual foi dominado por livreiros portugueses.

Foi no comércio carioca que surgiram as primeiras casas de comercialização de livros de segunda mão. A história desse mercado de sebos é uma história que, por não ter sido escrita, conta com a memória dos livreiros mais antigos de profissão para ser reconstruída, acrescida das impressões e registros de pessoas que frequentaram esses espaços.

Visconde de Taunay, em suas memórias, registra o modo como em 1856 eram chamados os vendedores de livros usados no Rio de Janeiro.

Joaquim Manuel de Macedo, nas *Memórias da Rua do Ouvidor*, faz referência a Albino Jourdan, abasileirado como Jordão, proprietário da Casa do Livro Azul, o sebo mais conhecido do Rio de Janeiro, que funcionou na formosa Rua do Ouvidor, no período de 1828 a 1852.

José Brito Broca, ao comentar sobre a vida literária no Brasil do início do século, especialmente no Rio de Janeiro, centro da vida intelectual da época, faz referência às diversas livrarias que eram pontos de encontro dos escritores da época. Dentre os alfarrabistas, que, segundo ele, é como se denominavam os livreiros donos de sebos, destaca a presença do português João Martins e sua loja na rua General Câmara.

No comércio de livros há também registros da presença de vendedores ambulantes de livros usados e folhetos populares, comuns nas ruas do Rio de Janeiro no início do século, indicativo da existência de um comércio marginal do livro e de seus vendedores.

Muitos livreiros-editores que se destacaram na edição de livros novos, pioneiros da História do livro no Brasil, iniciaram-se no mercado vendendo livros usados. É o caso de José Olympio que, na década de 30 em São Paulo, inicia-se no mercado com livros usados, comprando um acervo particular de dez mil volumes para se tornar posteriormente um dos mais atuantes editores da História bibliográfica do país. Outro, é Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva que, no começo da década de 10 em São Paulo, a partir da compra de uma biblioteca de livros jurídicos, monta um sebo num lugar privilegiado, em frente à Academia Jurídica de São Paulo. Com o nome de Livraria Acadêmica, sua loja foi ponto de partida daquela que se tornaria uma das mais importantes editoras na área de livros jurídicos do país: a Editora Saraiva. E também de Francisco Alves, que começou abrindo um sebo na Rua São José, 1872. Ponto de venda de livros usados no Rio de Janeiro, a São José foi endereço, por exemplo, da Livraria do Povo, fundada em 1879 por Pedro da Silva Quaresma, cujo acervo, por contar mais com livros de “segunda mão”, atraía uma clientela de escritores jovens e pobres; e da Livraria São José, fundada pelo alfarrabista Carlos Ribeiro, atuante na atividade editorial nas décadas de 1950/60, cuja livraria existe até hoje.

Alguns Personagens é o título publicado por Moraes em 1954. Nele, a partir de uma “conversa” com Carlos Ribeiro, a autora narra passagens da trajetória de vida desse livreiro no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século. Nascido no ano de 1908, em Engenho Novo/RJ, Ribeiro teve uma infância marcada por sérias dificuldades financeiras.

Seu primeiro contato com livros foi quando, através da professora, conheceu a biblioteca do escritor e crítico literário José Veríssimo, biblioteca que avaliaria anos mais tarde como livreiro. Começa no ofício como funcionário da Livraria Quaresma numa época em que as livrarias mais importantes eram, além da Quaresma, a Francisco Alves, Garnier, Jacinto e Castillo.

Seu salário inicial foi de sessenta mil réis por mês, com direito ao almoço no terceiro dia de trabalho. Com o passar do tempo, Ribeiro vai aprendendo as regras do ofício, auxiliado pelo gerente da Quaresma, José Matos, a quem Ribeiro considerava um tutor no exercício dos meandros da profissão.

Em 1922, Carlos Ribeiro torna-se encarregado das compras da Livraria Quaresma, num tempo em que os livros eram vendidos em cestos e sacos e pagos a peso. Era também o responsável pela avaliação das bibliotecas pessoais.

Em 1939, Carlos Ribeiro deixa a Livraria Quaresma para abrir um sebo na Rua do Carmo. Muda-se para a Rua da Quitanda, indo depois se fixar na Rua São José, onde chega a constituir um acervo superior a cem mil volumes, fazendo de sua livraria ponto de encontro de intelectuais, literatos e escritores.

A partir de 1960, muitas livrarias existentes na Rua São José tiveram que mudar de ponto em decorrência das transformações urbanas ocorridas na cidade. Carlos Ribeiro foi um dos últimos livreiros remanescentes dessa época quando, em 1970, mudou-se da São José para a Rua do Carmo. A evolução gradual do centro da cidade do Rio de Janeiro para uma zona bancária de aluguéis muito altos, quase desprovida de vida cultural, expulsou o restante dos livreiros.

Numa crônica publicada em 1957, Carlos Drummond de Andrade assim se referiu à Rua São José:

Mais antiga que a Livraria São José é a Livraria Kosmos Editora Ltda, fundada no Rio de Janeiro em 1935. E, de acordo com Rubens Borba de Moraes, surge

numa época em que inexistia até então uma livraria que, no estilo de um antiquário, comercializasse livros raros e antigos.

A Kosmos nasce do encontro de Norbert Geyerhahn, comerciante de café e colecionador de livros antigos, com Erich Eichner, livreiro de profissão. Provenientes da Áustria, instauram novidades até então inéditas no mercado brasileiro de livros antigos.

A Kosmos também editou, ao longo dos anos, várias edições fac-similares, de suma importância para os colecionadores em geral, como forma de resgatar o passado e possibilitar aos leitores interessados o acesso a obras esgotadas. Com a loja matriz situada no Rio de Janeiro, possui hoje um acervo estimado em trinta mil volumes, assim distribuído em três andares: na loja e sobreloja estão os livros novos; no segundo andar, os raros; no terceiro, os livros usados.

Dos sebos em atividade no Rio de Janeiro de hoje, a Kosmos e a São José são os estabelecimentos mais antigos e atuam dentro de um mercado que se caracteriza por uma alta rotatividade do número de estabelecimentos que abrem suas portas e as fecham em pouco tempo.

O garimpo nas publicações que se propõem a ser um guias dos sebos no Brasil ou de determinados estados da federação mostra alguns dados interessantes no que se refere a essa questão. Com o objetivo de ser um guia informativo das livrarias que operam no Rio com este tipo de comércio, Wellington de Almeida Santos publicou em 1991 o já citado *Guia comentado dos sebos do Rio de Janeiro*. Nele relacionou 37 sebos cariocas estabelecidos no mercado.

No *Guia comentado dos sebos da cidade do Rio de Janeiro*, de Antônio Carlos Secchin, publicado em 1997, constam 19 dos sebos relacionados por Santos em 1991 e são acrescentados mais 16 sebos, a maioria fundada após 1991. Secchin não relacionou 18 sebos listados anteriormente no guia de Santos.

A diferença da data de publicação dos guias é de seis anos e evidencia, segundo Secchin, a flutuação no mercado, pois o mercado de sebos tem muita rotatividade. Eles mudam de endereço, abrem e fecham muito rapidamente.

No entanto, o guia de Secchin aponta outro dado interessante: mesmo com a rotatividade característica do mercado, há sebos sendo fundados. No espaço de tempo entre os guias de Santos (1991) e Secchin (1997), foram abertos no Rio de Janeiro dez novos sebos.

Outro guia dos sebos cariocas que ilustra esse dado é o *Roteiro dos sebos do Rio de Janeiro*, publicado em 1996 pela Livraria João do Rio Ltda. Nele estão relacionados 52 estabelecimentos, incluindo sebos de Niterói, Petrópolis e Nova Friburgo.

Os guias citados até aqui e elaborados segundo seus autores, com a finalidade de proporcionarem aos usuários interessados – sejam “ratos de sebos” ou os “marinheiros de primeira viagem” – um roteiro de navegação no mundo dos sebos, são muito mais do que isso. São a porta de entrada para um território marcado pela diversidade cultural, tanto material quanto humana. Por essa porta, passaram Sá, Menezes, e Pereira que, após uma peregrinação por esse circuito, traçaram um breve perfil de alguns dos sebos cariocas existentes, desde os tradicionais e populares até os considerados “light” e modernos.

Um sebo considerado moderno com ares de sebo londrino é a Livraria Dantes Ltda., fundada em 1994 pela livreira Anna Dantes. Com um acervo estimado em seis mil volumes, divididos por assuntos e arrumados em prateleiras com uma organização exemplar, tem como especialidade livros na área de arte brasileira e do Rio de antigamente, além de mapas, postais antigos, revistas e literatura em geral. Ponto de encontro de pesquisadores, escritores, editores e “ratos de livraria”, a livraria ainda abriga uma gata que recepciona os clientes.

Com um acervo de dez mil títulos, especializada na área de História, a Livraria Brasileira Ltda., fundada em 1969, é considerada uma das referências de livros antigos na

cidade do Rio de Janeiro. O espaço conta com refrigeração e as estantes não mais comportam tantos livros. Estes, anárquicos e soberanos, habitam a porta de entrada do estabelecimento.

Um sebo que funciona há 25 anos no mesmo endereço é o Elizart Livros Ltda., fundado em 1972. Livraria tradicional, passada de pai para filho, é um espaço onde os livros novos convivem em harmonia com livros usados e antigos. Com um acervo aproximado de cinco mil títulos, tem como especialidade livros na área de filosofia, literatura, o Rio de Janeiro de antigamente e técnicos em geral.

Na Praça Tiradentes, região que concentra o maior número de sebos do Rio de Janeiro, está alojada a Livraria Casimiro de Abreu Ltda., fundada em 1989. Abriga um acervo estimado em dez mil volumes catalogados por seções, incluindo um lote de livros didáticos e um volumoso acervo de revistas que transborda prateleiras.

A Praça Tiradentes é também o endereço da Livraria Império Ltda., um sebo considerado popular. Fundada em 1967, vende todo o tipo de livros usados, além de comercializar também livros novos. Estes, dado o pouco espaço de que dispõem, exercitam diariamente uns com os outros uma convivência apertada.

Outro sebo carioca da linha tradicional é a Livraria Universal Rio Ltda, fundada em 1988. Seu acervo está estimado em mais de vinte mil volumes e é considerado um dos sebos mais confortáveis do Rio de Janeiro, com espaço amplo, ar refrigerado e grande área de circulação, com uma mesa de leitura para clientes. As edições estão separadas por assunto, e numa sala à parte, no fundo da livraria, concentram-se as raridades.

Uma livraria que procura mudar o imaginário do sebo como um lugar cheio de poeira e mofo é a Livraria Berinjela Outros Livros Ltda., fundada em 1994. Com um acervo aproximado de oito mil títulos, a maioria em ciências humanas, o sebo já conta com uma *home page* na Internet. Da nova geração de livreiros, o estabelecimento no melhor estilo

leve e descontraído, promove desde apresentações acústicas de bandas até campeonatos de futebol de salão.

Fora do perfil habitual dos sebos, está a Biblioteca Von Hager Gintner, fundada em 1991, a qual surgiu quando seu proprietário, Luiz José Gintner, colocou à venda sua biblioteca pessoal.

Tradicionalis, populares, modernos e leves, os sebos, assim como os livros, distribuem-se em muitas variedades. No que se refere aos sebos cariocas, enquanto muitos fecharam suas portas ao longo das últimas décadas, levando consigo histórias de alfarrábios e alfarrabistas que mereciam ser recuperadas, outros se estabeleceram no circuito, solidificando uma tradição de mercado que já ultrapassou a idade de um século.

Se foi no Rio de Janeiro do século passado que os sebos surgiram, é na contemporaneidade cosmopolita de São Paulo que se concentra o maior número de sebos do país: 44 sebos, segundo o *Guia dos sebos da cidade de São Paulo*, de Antônio Carlos Secchim.

Os sebos populares são os mais numerosos e localizam-se na região central da cidade. Um dos mais bem sucedidos e que impressiona pelo tamanho é a Livraria do Messias Ltda., fundada em 1970, e com duas filiais. Com um acervo diversificado, com destaque para os *best-sellers*, seu proprietário é o livreiro Messias Antônio Coelho, que tem a preocupação de fazer a mercadoria circular.

No rol dos populares, também destacam-se a Livraria Farah Ltda., fundada em 1968; a Livraria Cruzeiro do Sul Ltda. (1995), a Leia Livraria Editora Importadora Americana Ltda. (1940), a Livraria Treze Lisboa Ltda. (1988) e a Livraria Brandão-Sebo (1960), com filiais em Recife e Salvador.

Um dos sebos paulistas mais tradicionais é a Ornabi – Organizadora de Bibliotecas Ltda., fundado em 1945 pelo livreiro português Luiz Oliveira Dias e instalado em dez salas que guardam um acervo estimado em oitenta mil volumes.

Outra tradicional livraria de São Paulo, cujas portas foram abertas na década de 40 e que conta com um acervo especializado em livros na área de assuntos brasileiros e Literatura Brasileira (primeiras edições), é a Livraria Calil Antiquária Ltda., fundada pelo livreiro libanês Calil Atallah em 1948. Já falecido, Calil foi um dos alfarrabistas mais respeitados do mercado. Para ele, a experiência e a honestidade eram ingredientes fundamentais para o exercício da profissão. Segundo Calil, o bom livreiro alfarrabista é aquele que possui capital sempre disponível, boas informações sobre as exigências da clientela e competência no que se refere à avaliação dos preços.

Calil também colecionava livros, tendo constituído em vida um acervo pessoal superior a dez mil volumes. Com os clientes que faziam solicitações por carta ou telefone, procurava ser o mais honesto possível.

Na mesma linha de atuação da Livraria Calil Antiquária Ltda., está a Leart Livraria e Encadernação Ltda., fundada em 1970 por Zelina Castelo Branco. A livraria funciona na própria casa da proprietária, local onde comercializa, principalmente, livros de arte, humanidades, primeiras edições e raridades.

Um exemplo de livraria mais sofisticada, que prefere esta denominação de livraria-antiquário à de sebo, é a Livraria Corrêa do Lago Ltda., localizada numa região nobre da cidade.

Com um acervo estimado em sessenta mil volumes, a maioria composta de livros raros, gravuras, fotografias e documentos antigos, a Livraria Corrêa Lago, representante no Brasil da casa de leilões Sotheby's, foi fundada em 1988. Apesar de existir uma parte na livraria que vende livros usados, seu proprietário, Pedro Corrêa do Lago, não aprecia a nomeação de sebo, preferindo a de antiquário de livros.

Corrêa do Lago é também colecionador. Proprietário de uma coleção de vinte mil documentos históricos, foi sua paixão de colecionador que o iniciou no mercado de livros antigos, das gravuras decorativas e dos leilões de arte. Sua coleção inclui preciosidades, como uma carta de Dom Manuel, o Venturoso; orações de padre Cícero Romão Batista; cartas de Machado de Assis; documentos do revolucionário russo Leon Trotsky; uma carta recebida por D. Pedro I de sua irmã, dona Isabel Maria, datada de 10 de março de 1826; e um recibo de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, adquirido quando uma galeria de arte do Rio de Janeiro recebeu um lote de papéis do Brasil Colônia/Império. Ao examinar o lote, Corrêa do Lago apanhou o recibo datado de 1782 cuja caligrafia, confrontada posteriormente com manuscritos da Biblioteca Nacional, comprovou-se ser de Tiradentes. Segundo o livreiro, o preço pago pelo recibo foi irrisório para um documento de valor histórico incalculável. Manuscritos como esse ajudam a transformar o acervo de Corrêa do Lago em fontes para estudos da História Brasileira.

Mas os sebos, sejam eles os mais populares, tradicionais, ou os mais sofisticados e descontraídos, não se restringem às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. José Jorge Leite Brito identifica sebos em todo o país. E, na impossibilidade de uma incursão por sebos nos demais Estados brasileiros, escolheu-se a cidade de Fortaleza, que embora os tenha em pouco número, possui uma rica história tanto de proprietários como de pessoas que os freqüentam.

4 OS OUTROS E OS SEBOS

Por acolherem raridades desgastadas e preciosidades de um tempo remoto, os sebos ainda carregam estereótipos de locais que abrigam velharias e informações desatualizadas. Mera ilusão. Para aqueles que têm sede e necessidade cognitiva, bem como para quem está com pouco dinheiro no bolso para enfrentar as tabelas de livros novos das livrarias, é uma grande alternativa. E também se comprova que as tais más aparências inexistem quando se trata destes lugares.

Durante anos, têm-se empregado termos os quais defino de pre-conceitos, os quais impedem o cultivo de uma memória histórica e social. Vale dizer ainda que é uma questão cultural, educacional ou uma maneira de esquecer o passado, o qual muitas vezes contém respostas aos acontecimentos do futuro.

Espirros, tosses e esfregar de unhas na pele. Sons presentes em um ambiente quase silencioso, repleto de estantes plenas de velhos livros de sabe-se lá quantas mãos, embolorados. Alguns já marcados pela voraz ação das traças. Tudo isso guardado por um ancião de óculos cujas grossas lentes esverdeadas escondem o olhar, deixando no mal-intencionado cliente a dúvida de estar sendo vigiado por ele lá da saída, sentado à mesa que serve de caixa registradora. Eis o estereótipo do sebo, o paraíso dos ácaros, o império das alergias.

Na verdade, o sebo é, pelo menos onde vivem leitores, um lugar sagrado. Dizem que se identifica o grau cultural de uma cidade pela quantidade deles. Aqui em Fortaleza, mal passam dois. Desse fato, a conclusão eufêmica a que se chega é a

de que existem várias bibliotecas particulares, porque se dependessem das públicas a sua cultura seria um estereótipo.¹³

Este trabalho realizou a pesquisa de campo através de conversas informais com pessoas que garimpam sebos, amantes inatas da leitura, e aquelas que têm ojeriza a estes locais devido à ignorância do cotidiano. Constatei durante as entrevistas que algumas pessoas recusam-se a conhecer esses locais.

A princípio, os amantes e garimpeiros do universo literário conceituam os sebos como locais depositários que acolhem diversas áreas. A causa de tamanha paixão vem da educação adquirida na família. Alguns revelam isso como uma “herança familiar”.

Houve aqueles que têm uma verdadeira loucura de amor por sebos, por responder à condição financeira durante a compra de material escolar.

Pesquisa d'O POVO constatou que os preços do material escolar, de uma lista de 14 itens básicos, estão variando em até 100%. Na última quinta-feira O POVO publicou uma tabela errada informando a variação nos preços dos cadernos – espiral e brochura – e borrachas – branca e bicolor. A variação final dos preços estava errada porque a tabela não especificou as marcas.

A concorrência do mercado de material escolar em Fortaleza está cada vez mais acirrada, provocando, inclusive, distorções nos preços de alguns produtos. Além do comércio normal das livrarias e papelarias, competindo lado a lado no Centro da cidade, a participação do comércio ambulante. A variação de preços entre as livrarias, dependendo do produto, pode chegar a 100%, conforme constatou pesquisa d'O POVO, realizada ontem em seis lojas. Enquanto isso, um grande número de vendedores do chamado sebo (comércio ambulante), instalados junto às livrarias, acercam-se dos consumidores, oferecendo livros didáticos e paradidáticos com descontos de mais de 50%. O Sindilivros afirma que esse comércio é “ilegal”, porque estaria vendendo livros novos por preços abaixo do custo, quando sua atividade básica seria a de vender usados.

A presidente da entidade, Maria do Socorro Sampaio Flores, argumenta que o livro é adquirido da editora com um desconto de 26%, cujo valor em real representa o ganho da livraria. “Como então uma empresa que compra com 26% de desconto pode dar 50% aos pais de alunos, se não for por meios ilegais?”, indaga ela.

“A pessoa vai onde tem mais barato”, defende-se Nazareno Oliveira, dono de sebo e que está há 25 anos no ramo. Ele confirma que vende livro novo de alunos que desistem do ano letivo ou trocam de escola. “As grandes livrarias estão sentindo isso agora, mas não vale a pena comprar caro”, diz Nazareno.¹⁴

¹³ BRAVOS, Kelsen. Garimpo de livros. *O Povo*, Fortaleza, p. 5B, mar. 1997. Vida & Arte.

¹⁴ SINDILIVRO reclama de ação do sebo. *O Povo*, Fortaleza, p. 1D, jan. 2000. Economia.

“As livrarias, na época escolar, exploram principalmente os mais carentes” e “os preços são mais atraentes” – foram os comentários daqueles que passam pela peleja todos os anos. Na concepção destes, algumas pessoas vendem livros porque talvez seja muito mais fácil vendê-los do que um carro, ou alguma outra coisa que pareça maior, mais palpável.

Atualmente, encontramos dos mais diversos tipos de sebos, desde aqueles que possuem uma arquitetura gótica, localizados em sua maioria no Centro de Fortaleza, aos mais modernos, nos bairros nobres, tais como Dionísio Torres. Eles abrigam várias formas de materiais, desde o livro costurado à mão, aos multimeios, sejam eles música ou filmes.

Quanto ao público que os frequenta, começemos pela nomeação dada a estas pessoas. Os termos mais usados são *cliente* ou *freguês* e, segundo alguns sebigistas, são para eles que os livros estão expostos nos sebos e são por eles que os livreiros esperam diariamente, já que a finalidade primeira de uma livraria é a venda de seus livros.

Mas os sebos, de acordo com seus proprietários, diferenciam-se das livrarias que trabalham exclusivamente com livros novos no sentido de estabelecerem com o cliente um tipo de relação que ultrapassa o âmbito comercial. Isso decorre de forma semelhante a um mercado. E, devido a isso, muitas pessoas que entram ali à cata de livros, revistas ou CDs, exercitam uma prática típica nos sebos, a do garimpo, ficando muitas vezes horas no estabelecimento, o que favorece à troca de idéias e ao contato humano. Acrescido a isso, a própria gênese do material comercializado propicia uma aproximação, não só das pessoas umas com as outras, mas das pessoas com os livros. Por serem livros de segunda mão, a maioria deles não fica lacrada nas prateleiras, como é de praxe nas livrarias comuns. Nos sebos, via de regra, os livros podem ser manuseados, folheados e lidos. Neste caso, pode-se dizer que os sebos são instâncias privilegiadas de convivência humana, em comparação com as livrarias comuns.

Seu Geraldo Duarte, dono do sebo “O Naza”, informa que já perdeu a conta das cenas que presenciou de pessoas que se encontraram e se reencontraram no seu sebo:

Um dia entrou um freguês, pra você vê as coisas, entrou e tal, olhando, e entrou outro que veio rodando. Quando chegou, aqui os dois se encontraram, eram amigos e fazia tempo que não se viam. Eu me assustei com tanta satisfação e alegria e aquele braço gostoso, fora o que disse ao outro: só mesmo no sebo que a gente podia se encontrar, hein?

Os sebos preservam um pouco do espírito de antigas livrarias como a Garnier e a José Olympio, estabelecimentos em que se era possível entrar para conversar e trocar idéias, sem o compromisso único de comprar. Nesse sentido, os sebos são, para os proprietários, um foco de resistência ante um mercado livreiro que se padroniza cada vez mais.

Com relação à tipologia humana presente nesses espaços, é opinião unânime entre os sebistas do circuito de que ela é de tal magnitude que, muitas vezes, os sebos transformam-se num grande palco onde a realidade assume ares de ficção, com pessoas parecendo personagens de muitos dos livros que ali se encontram alojados. São os tipos alcunhados como exóticos, que costumam ser conhecidos por alguns dos sebistas do circuito.

É o horteiro, que compra livros de psiquiatria com o propósito de entender sua licença médica por invalidez; o meio amalucado, que compra livros sobre gatos e tudo que se refira a jogos de xadrez; o coronel reformado, que compra apenas dicionários; o decorador, que compra os livros pela encadernação; o professor surdo, que procura livros inéditos de Anatole France; a perseguida, que com a face excessivamente maquiada e ligeiramente curvada, carrega sempre consigo uma sacola de feira cujo conteúdo secreto verifica a todo momento; o jurista, que conhece todo mundo, possui cinco números de telefone, frequenta todos os lugares, acumula muitos cargos importantes e compra todos os livros curiosos que encontra; o camisa verde, que compra livros de Plínio Salgado; o paranóico, que não deixa endereço e número de telefone com medo de ser localizado; o serelepe, que está sempre com pressa; o encurvado, que tem mania de surripiar os livros; o anti-semita, que procura livros de Adolf Hitler e não acredita no holocausto; o esquisito, que compra livros de anatomia e medicina legal; e o sádico, que compra livros sobre cemitérios.

Segundo Seu Geraldo Duarte, dono do sebo “O Naza”, a fauna que frequenta os sebos é interessante. Mas é aí que está a questão, pois a fauna que vai às livrarias de livros novos deve ser também. Só que, nessas livrarias, você não identifica, porque as pessoas ficam anônimas, os clientes são anônimos. Mas, nos sebos, elas se mostram. Esses lugares são como um campo de afirmação de individualidades. Então, essas pessoas aparecem, identificam-se, e é possível memorizá-las.

As práticas de cada sebista no que se refere ao atendimento da clientela assemelham-se em muitos aspectos. Todos atendem pelo reembolso postal, trabalham com cheques pré-datados e oferecem 10% de desconto no preço à vista. Além disso, dispõem de um cadastro onde registram: dados pessoais de cada cliente (nome, endereço, telefone), o gênero de leitura preferido e os títulos de livros que os clientes desejam possuir. Pois conseguir atendê-los deste modo é uma demonstração de cuidado, eles se sentem importantes e acabam confiando, tornado-se amigos mais tarde. O princípio da máxima atenção ao cliente é uma regra.

Alguns sebistas acreditam que o conhecimento da psicologia auxilia na prática de atendimento, pois permite saber se haverá compra ou não, identificando, assim, o cliente (se é um pesquisador ou alguém procurando, obrigado, um livro ou se decidirá pelo exemplar).

Os sebos são, em sua maioria, frequentados por estudantes, professores, pesquisadores, bibliófilos, colecionadores, autodidatas e pessoas que procuram livros baratos, usados, esgotados e raros. Quanto ao gênero dessa clientela, o que se observa é que ela é predominantemente masculina. Segundo os sebistas, isso se deve à posição subalterna que a mulher ainda ocupa na sociedade; ao desconhecimento do que seja um sebo e, no caso das viúvas, ao ciúme da relação estabelecida com os livros pelos maridos quando em vida.

Em meio ao fluxo diário de pessoas que circulam pelos sebos, apenas uma parcela compõe-se de freqüentadores mais assíduos, isto é, aquelas pessoas, cujas preferências literárias e os livros prediletos vão se conhecendo com o passar do tempo.

Algumas pessoas, por freqüentarem os sebos há muito anos, são consideradas pelos sebistas como clientes da casa.

Outro tipo de freqüentador que é literalmente da casa é o “toupeira”, mais conhecido como o “rato de sebo”. É aquele que vive praticamente no sebo, quer saber das novidades literárias e não admite ter chegado um livro novo sem que ele o tenha visto. Estes seres circulantes são conhecidos por todos os sebistas do mercado. Da gama de pessoas que circulam diariamente pelos sebos, os colecionadores e bibliófilos são citados pelos sebistas como freqüentadores típicos, imbuídos de uma especificidade própria dentro do mercado, cuja característica é a procura quase sempre obsessiva por edições raras e esgotadas.

As razões que levam uma pessoa a se tornar um colecionador são de ordem arbitrária e variada. Em *O Consumidor de Livros de Segunda Mão*, a bibliofilia é considerada como um culto ao objeto, e o bibliófilo como aquele que guarda, reúne, acumula, coleciona, pelos prazeres da posse, independente de sua função original. Ler ou saber da existência de um livro não basta, é necessário tê-lo e desfrutar de sua posse. Nessa direção, a bibliofilia, como ato de apropriação simbólica do objeto colecionado, torna-se um campo fértil para investigações psicológicas e sociológicas.

Em *Os Livros Nossos Amigos*, Eduardo Frieiro adverte que, no mundo da bibliofilia, existe a autêntica bibliofilia que não deve ser confundida com uma prática muito comum, denominada por ele de *bibliomania*.

Há os autênticos bibliófilos, os que amam o livro em razão de seu valor intrínseco, medular. O bibliômano junta livros pelo prazer de juntar, preocupado unicamente com a qualidade ou a raridade dos exemplares que adquire.¹⁵

Um colecionador apontado pelos sebistas como um autêntico bibliófilo é o advogado e empresário paulista José Mindlin. Este considera a bibliofilia uma boa doença para a qual não existe cura. Inoculado com o vírus do amor pelo livro desde a infância, esse bibliófilo que já foi designado como um procurador de ruínas, fornece o histórico de sua enfermidade:

O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue. Depois vem o desejo de ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta – já é o começo de uma coleção. Conseguido o conjunto, que sempre se quer o mais completo possível, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e a atração pelo livro como objeto, e também como objeto de arte, em que entra a qualidade do projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, a encadernação: e aí já surge a busca da raridade. Quando se chega a esse estágio, aquele que se pensava em ser na vida apenas um leitor metódico, está irremediavelmente perdido. Sua relação com o livro passa a ter uma dimensão quase patológica, pois a compulsão de possuí-lo é mais ou menos irresistível (mais mais do que menos).¹⁶

Bibliófilo obcecado, Mindlin chegou a abrir com um amigo, também colecionador, uma livraria em meados da década de 40, com o explícito objetivo de pescar livros raros no viveiro. Foi a Livraria Parthenon que, situada na região central de São Paulo, logo se tornou, segundo seu fundador, um ponto de atração para amantes de livros. Mas Mindlin não exerceu o ofício de livreiro por muito tempo, ficando com a livraria até 1951, quando repassou para um amigo. A dificuldade era combinar duas atividades consideradas, a princípio, inconciliáveis. São raríssimos os exemplos de quem tenha misturado as duas

¹⁵ FRIEIRO, Eduardo. *Os Livros nossos amigos, reflexões de um amigo dos livros*. São Paulo: Pensamento, 1957. p. 13.

¹⁶ MINDLIN, José. *Uma Vida entre livros : reencontros com o tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 15-16.

coisas com sucesso. Foi o que aconteceu com José Mindlin. Bibliófilo nato, o que mais apreciava na profissão de livreiro era comprar ao invés de vender:

Mas quando se vendia um bom livro, era uma tristeza...! Porque nós não podíamos ficar com os livros – tínhamos a obrigação moral de vendê-los [...] Felizmente, tive o cuidado de pedir aos compradores que, se tivessem no futuro idéia de vender algum, não deixassem de falar comigo. Pois, passado algum tempo, vários deles me procuraram, e, assim, nos dez anos ou quinze anos seguintes, consegui recompor quase todos os bons livros que tinham passado pela livraria.¹⁷

Proprietário de um acervo precioso, que inclui milhares de obras raras e primeiras edições, Mindlin é o cliente ideal para a maioria dos alfarrabistas do mercado, não só porque possui um genuíno apreço pelos livros, como é uma venda garantida caso a obra oferecida seja de seu interesse.

Os sebos são também freqüentados por outra tipologia de colecionadores, uma fauna variada de furtivos caçadores que vivem à procura dos mais diversificados objetos de desejo, desde revistas, jornais, gravuras, retratos, cartas, rótulos de cigarro, cartão postal, até autógrafos, estampas de propaganda antigas e selos.

Um material cuja procura justifica-se na medida em que os sebos são depositários de outro tipo de acervo, constituído pela variedade de ícones que os livros trazem consigo quando chegam aos sebos. Além dos que já foram citados acima, chegam dentro de livros: santinhos, folhetos, bilhetes, manuscritos, mapas, marca-textos, flores secas, dedicatórias e *ex libris*. Alguns livreiros têm o hábito de colecionar esse material, dispondo um acervo particular. Mas pode-se dizer que grande parte desses ícones vivem na companhia dos livros, no anonimato silencioso das estantes, até o momento de serem descobertos pelas mãos ávidas de meticolosos colecionadores em garimpo pelos sebos.

¹⁷ MINDLIN, José. Op. cit., p. 123-124.

Mas pelos sebos também passam aquelas pessoas que são uma dor de cabeça para os sebistas já que, no que se refere ao atendimento, nem tudo são flores. Estas pessoas, achando que, por ser uma livraria de livros e discos usados, a definem como lixo. Perguntam se o CD não está arranhado e se o livro foi desinfetado.

E é pela porta que também entram os ladrões de sebos, pessoas que levam os livros das estantes sem que os proprietários percebam. As razões dos furtos vão desde o desejo de possuir o livro e não poder comprar, até roubar para revender. Esses ladrões de sebos podem ser comparados aos “bibliopiratas”, aquelas pessoas que Eduardo Frieiro também nomeou como filantes de livros.

São muitos os que desejam ter livros e poucos os que se dispõem a comprá-los. Não têm conta das pessoas que formam bibliotecas pilhando o livro alheio, já do amigo, já das bibliotecas públicas ou onde quer que o encontrem de jeito. Muito bibliófilo existe que, na impossibilidade de adquirir honestamente o livro cobiçado, não trepida em furtá-lo, se pode. Também não faltam mercadores de livros que traficam com preciosidades bibliográficas surripiadas a livrarias públicas ou particulares.¹⁸

Bibliopiratas. Bibliômanos. Bibliófilos. Palavras que têm dentro de si um elemento composto de origem grega que significa livro. Palavras que, conjugadas de maneira diferenciada, traduzem com propriedade a diversidade humana que frequenta os sebos, um território constituído por pessoas que, tal como as palavras possuidoras do elemento grego, trazem dentro de si um desejo que as iguala e as tornam, dentro do campo de suas próprias diferenças, parecidas umas com as outras: o desejo de encontrar o livro que procuram.¹⁹

Uma procura que pode levar pouco ou muito tempo, dependendo do que se procura, um livro usado que ainda está no mercado ou uma edição esgotada que não se acha com facilidade.

¹⁸ FRIEIRO, Eduardo. Op. cit., 1957. p. 110.

¹⁹ DELGADO, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 111.

Essa é a rotina dos freqüentadores de sebos, nômades peregrinos regidos pelo ato da procura que, quando bem-sucedida, propicia encontros e reencontros de homens, desejos e livros, que se tornam possíveis devido ao trabalho cotidiano desse elemento humano denominado pelos dicionários como livreiro.

5 UM *TOUR* PELOS SEBOS DE FORTALEZA

Como foi dito anteriormente, a maioria dos sebos localizam-se no Centro da cidade, principalmente em galerias e ruas históricas, totalizando em torno de dez sebos. Ressalto que não foi possível entrar em contato com todos devido à inviabilidade de horários e porque uma grande parte recusou-se a contribuir para esta pesquisa, temendo a concorrência e problemas com a fiscalização. Em vista disso, contatei os mais solicitados e conhecidos na visão dos leitores.

Fundada em 1992, a Casa dos Livros, cujos proprietários são os irmãos Antônio e Richard Chamberlain Andrade, possui um acervo em torno de cinquenta mil exemplares de todas as áreas do conhecimento, com exceção de obras de Medicina, Direito, Informática e das voltadas para o 1.º Grau. São tantos, que até um banheiro desativado encontra-se entulhado de prateleiras.

A organização segue uma lógica muito própria. Quem explica é Richard: "Não organizamos por ordem alfabética de autor porque o frequentador de sebo é diferente daquele das livrarias novas. Ele gosta de descobrir as obras", acredita. Obcecado por livros, sem esquecê-los nunca, acredita que mesmo com o advento do *e-book*, precisaremos sempre deles.

A única divisão existente é por áreas. Dentro dessa filosofia de descoberta, Richard adota ainda um critério, segundo ele, típico de sebos: exemplares repetidos de um mesmo título são colocados em lugares distantes e não juntos, como requereria a lógica.

Bibliotecária aposentada, Antonieta Bezerra resolveu dedicar-se à comercialização de obras fora de catálogo e raras. Inaugurada em março de 1998, e dentro

do cenários de diversidades em sebos, a Taberna Livraria oferece conforto como diferencial para seus clientes.

Até bem pouco tempo, sebo em Fortaleza era sinônimo de poeira, desorganização e falta de conforto para o consumidor. Desde então, já se pode comprar livros usados pela metade do preço sem ter que enfrentar pilhas de papéis empestados de fungos e ácaros. A Taberna Livraria tem um acervo com mais de 2 mil títulos e vale a pena uma visita para conferi-los. Diferente dos demais sebos, a começar pela localização, o ambiente é agradável, o ar condicionado funciona perfeitamente e o sistema de catalogação das obras torna fácil encontrar o que se quer, além dos toques de modernidade: um sítio na Internet. "Fui a primeira pessoa a trazer sebo para a Aldeota. Me preocupo primeiramente com as boas condições do lugar, conheço sebos que têm estoque dez vezes maior do que o meu, mas são mal iluminados, sem higienização e onde é muito difícil achar o livro que se está procurando", afirma.

Ela cuida pessoalmente de todos os detalhes do negócio que resolveu montar depois de aposentada. E experiência no ramo é o que não falta. Formada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1961, foi diretora da Biblioteca Central da UFC, de 1979 a 1983, e professora da mesma universidade. Aposentou-se trabalhando no Banco do Nordeste em 1997.

Por enquanto, a maior parte do acervo da Taberna Livraria é composta por títulos de Literatura estrangeira de autoria de escritores consagrados como José Saramago e Gabriel Garcia Marques. Mas pode-se encontrar livros de áreas tão diversas como Economia, Psicanálise, História, saúde, Música, Esoterismo, Direito, Comunicação, Religião e esportes (com destaque para xadrez). Apesar das obras fora de catálogo serem poucas, os arqueólogos de sebos podem descobrir alguns tesouros na seção de Literatura brasileira.

A antologia de contos *História de Crimes e Criminosos*, em edição de 1956, da editora Civilização Brasileira, está à venda por R\$ 60,00. São textos - pode-se dizer,

policiais – de Lígia Fagundes Teles, João do Rio, Monteiro Lobato, Machado de Assis, Álvares de Azevedo e Olavo Bilac, entre outros.

México – História de uma Viagem, de Érico Veríssimo, está disponível num exemplar não tão bem conservado, mas que chama a atenção pela edição cuidadosa, com desenhos do próprio autor.

E um dos títulos dignos de serem tidos por achados históricos, é *As Poesias Completas*, de Jorge Lima, edição esgotada da Nova Aguilar, em quatro volumes.

Outras preciosidades podem ser encontradas por preços a combinar. “É muito complexo estabelecer valores. Quando compro um livro, faço consultas a sebos em outros Estados, mas as avaliações variam muito”, explica Antonieta. Para citar um exemplo extremo, *O Medo da Paz*, escrito por Jorge Amado por encomenda para o Partido Comunista em 1951, foi avaliado em Salvador por um preço dez vezes mais caro do que no Rio de Janeiro.

Apesar dessas obras difíceis de se encontrar, a Taberna não tem nenhuma que se possa chamar oficialmente rara. Sim, porque livro raro não é somente aquele fora do mercado ou escrito no século passado, existe uma série de regras para assim classificá-lo. Um dos critérios é ter sido editado antes de 1801 (marco do início do processo industrial de impressão), outros são o valor cultural, a edição limitada e a beleza tipográfica. Como a intenção de Antonieta é comercializar raridades, ela dispõe de ampla bibliografia sobre livros raros para facilitar o complicado serviço de avaliação.

Já a Arte & Ciência opta por um modelo misto. Vende tanto livros novos quanto usados. Tem tradição em Fortaleza - foi fundada em 1987 e mudou de endereço há pouco tempo. Saiu da Floriano Peixoto e ocupa agora dois endereços nas avenidas Duque de Caxias e 13 de Maio. Neste último, há uma seção de CDs, dedicados à MPB, ao Erudito e ao Jazz. Possui um acervo em torno de mais de 7 mil livros, principalmente nas áreas de Ciências Humanas – Filosofia, História e Literatura.

Seu Geraldo Duarte, proprietário do sebo “O Naza”, está há 36 anos no ramo. Começou vendendo livros na calçada da rua Guilherme Rocha. De lá para cá, passou por muitos lugares até se estabelecer na rua 24 de Maio, depois na Av. Treze de Maio. Ele é o primeiro a dizer que compra e vende de tudo. "Chegou papel aqui, eu compro", afirma.

No seu sebo, há livros e revistas velhos até no chão. Para colocar um mínimo de ordem na casa, a funcionária e também cunhada Estela Alves. É ela quem faz a divisão dos títulos nas seis salas da casa. Para combater os cupins - inimigos mortais de qualquer papel - eles dedetizam o imóvel todo sábado.

Agora, quem realmente pouco se enquadra é a Fanzine - por coincidência também com duas lojas no Centro e Benfica. O nome já entrega. Aqui, a especialidade são quadrinhos. Do gibi à *graphic novel* e ao mangá (quadrinho japonês que se lê de trás para frente), é possível achar verdadeiras raridades para colecionadores. Pegando carona no aspecto *pop*, camisetas com estampas de heróis, vídeos de desenhos animados e outras bugigangas. Mas há uma grande seção de livros usados, com predominância da Literatura brasileira, livros didáticos e paradidáticos.

A incursão nestes sebos levou a conhecer não apenas as práticas, mas uma outra dimensão dada pela importância cultural que, de uma maneira geral, representa para a vida cotidiana de uma cidade, seja ela qual for. Assim, ao se conversar com alfarrabistas e frequentadores, tomou-se conhecimento de um universo de práticas que merece ser resgatado e que exerce um papel importante na circulação de livros e idéias em diversas épocas da vida cearense.

Posto isto, finalizo esta pesquisa que não se considera conclusa pronunciando aquele que, assíduo garimpeiro das prateleiras dos sebos e das livrarias, traduziu com propriedade e lirismo a poesia que palpita nesses espaços:

Ao termo da espiral
que disfarça o caminho

com espadanas de fonte,
e ao peso do concreto
de vinte pavimentos,
a loja subterrânea
expõe os seus tesouros
como se os defendesse
de fomes apressadas.

Ao nível do tumulto
de rodas e de pés,
não se decifra a oculta
sinfonia de letras
e cores enlaçadas
no silêncio de livros
abertos em gravura.

Aquário de aquarelas,
mosaicos, bronzes,
nus,
arabescos de Klee,
piscina onde flutuam
sistemas e delírios
mansos de filósofos,
sentido e sem-sentido
das ciências e artes
de viver: a quem sabe
mergulhar numa página,
o trampolim se oferta.

A vida chega aqui
filtrada em pensamento
que não fere; no enlevo
tátil-visual de idéias
reveladas na trama
do papel e que afloram
aladamente dançam
quatro metros abaixo
do solo e das angústias

o seu balé de essências
para o leitor liberto.
(Livraria, de Carlos Drummond de Andrade)²⁰

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *O Grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. *O Iluminismo como negócio: a história da publicação da enciclopédia (1775 – 1800)*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- DELGADO, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FRIEIRO, Eduardo. *Os Livros nossos amigos, reflexões de um amigo dos livros*. São Paulo: Pensamento, 1957.
- MINDLIN, José. *Uma Vida entre livros : reencontros com o tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. São Paulo: Secretaria da Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo.
- NUNES, José H. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial*. Campinas: UNICAMP, 1994. (Coleção Viagens da Voz).
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 1991.
- SECCHIN, Antonio Carlos. *Guia de sebos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo: e também de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Goiânia , Maceió, Manaus, Natal,*

²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 435.

Porto Alegre, Recife, Salvador e São Luís do Maranhão. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

VILLALTA, Luiz Carlos. *O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura*. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC São Paulo, 2001. (Ponto Futuro).